

DINÂMICA LOCACIONAL DA CAFEICULTURA NA BAHIA

Maíra Ferraz de Oliveira Silva¹
Zina Angélica Cáceres Benavides²
Andrea da Silva Gomes³

Resumo

A criação do Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais (PRRC) em âmbito nacional impulsionou a modernização da cafeicultura baiana, consolidando essa atividade em diversas regiões do estado. Atualmente, a Bahia é o quarto produtor de café arábica e segundo de café conillon no país. Nesse contexto, este artigo tem o objetivo de analisar a dinâmica locacional da cultura do café no estado da Bahia, especialmente, as mudanças no recente padrão espacial da estrutura fundiária e da renda da cafeicultura, nas regiões onde está consolidada. Para isso, foram utilizadas medidas de localização e especialização com a finalidade de descrever o comportamento espacial dessa atividade no estado, compondo um estudo exploratório sobre a realidade dessa atividade agrícola na Bahia. Os resultados demonstraram que a cafeicultura baiana está concentrada, principalmente, entre as microrregiões de Barreiras, Seabra, Vitória da Conquista, Ilhéus-Itabuna e Porto Seguro, destoando da tendência de desconcentração para o setor agrícola como um todo, constatado através dos indicadores locacionais das Outras Lavouras Permanentes e Lavouras Temporárias. Destaca-se que a região cafeeira do Atlântico apresentou estrutura produtiva mais especializada que as demais regiões do estado da Bahia.

Palavras-Chave: Medidas de localização e especialização. Agricultura baiana. Café.

LOCATIONAL DYNAMIC OF BAHIA'S COFFEE PRODUCTION

Abstract

The creation of the plan of renewal and reinvigoration of coffee (PRRC) at the national level spurred the modernization of the Bahian coffee, consolidating this activity in several regions of the state. Currently, Bahia is the fourth producer of Arabica coffee and the second coffee Conillon in the country. In this context, this article aims to analyze the locational dynamics of coffee culture in the state of Bahia, especially the changes in the recent spatial pattern of the land structure and the income of coffee, in the regions where it is consolidated. For this purpose, localization and specialization measures were used to describe the spatial behavior of this activity in the state, composing an exploratory study on the reality of this agricultural activity in Bahia. The results demonstrated that the Bahian coffee is concentrated, mainly, between the micro-regions Barreiras, Seabra, Vitória da Conquista, Ilhéus-Itabuna e Porto Seguro, moving away from the dispersion tendency in agricultural sector verified through the locational indicators of other permanent crops

Recebimento: 22/10/2016 • Aceite: 19/6/2018

¹ Mestre em Economia Regional e Políticas Públicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – BA, Brasil. E-mail: mairaferraz@uesb.edu.br

² Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus – BA, Brasil. E-mail: zcb99@yahoo.com

³ Doutora em Desenvolvimento Rural pelo Institut National Agronomique Paris-Grignon. Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus – BA, Brasil. E-mail: andreauesc@gmail.com

and temporary crops. It is noteworthy that the coffee region of the Atlantic has presented a more specialized production structure than the other regions of the state of Bahia.

Keywords: Location and specialization measures. Agriculture of Bahia. Coffee.

Introdução

A literatura sobre o agronegócio brasileiro, a exemplo de Kageyama et al. (1990), Silva (1996) e Palmeira (2008), caracteriza esta atividade com elevados e crescentes níveis de incorporação de tecnologia e com substancial melhora dos coeficientes de produtividade, porém associada a um processo seletivo e excludente no que diz respeito às relações sociais no campo.

O Brasil, maior produtor de café em nível mundial, possui uma estrutura produtiva distribuída entre os estados de Minas Gerais, seguido de São Paulo, Espírito Santo e Bahia. De acordo com o IBGE (2006), na cafeicultura brasileira prevalece o segmento familiar que utiliza aproximadamente quarenta por cento da área, e, sendo mais numerosa em número de estabelecimentos e responsável por uma relevante quantidade da produção total.

Conforme dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), a cafeicultura representou, entre 1996 e 2007, cerca de quarenta por cento das exportações da agropecuária brasileira e aproximadamente três por cento do comércio exterior do país. Dados da Organização Internacional do Café (OIC) demonstram que entre 1990 e 2014, ocorreu a expansão do consumo interno acompanhada do aumento das exportações do produto, situação verificada na maioria dos países produtores.

De acordo com a SEI (s.d), no *ranking* dos produtos agropecuários, referente ao ano de 2010 e segundo o valor bruto da produção, o café ocupa a nona posição, respondendo por 5,3% do VBP da agricultura baiana, e no que diz respeito ao comércio exterior, a cafeicultura tem uma participação de 1,5% nas exportações baianas.

Os plantios de café mais antigos na Bahia localizavam-se na região do Planalto, tendo sido erradicados na década de 1970 quando houve uma reorganização da cafeicultura a partir do zoneamento feito para a implantação de novos plantios com o Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais (PRRC), em âmbito nacional, configurando a distribuição atual da cultura entre as regiões produtoras do estado. Atualmente a produção de café do estado figura entre as cinco maiores do país, sendo grande parte de sua produção conduzida pelo segmento da agricultura familiar.

Parte-se do pressuposto, neste trabalho, de que a estratificação da cafeicultura baiana segundo a escala de produção e variedade do grão permite verificar padrões de localização, especialização e concentração que explicam o comportamento da renda e caracterização da cafeicultura baiana segundo sua estrutura produtiva.

Pela relevância dessa atividade na Bahia, o presente trabalho discute o seu desempenho setorial e regional a partir da descrição da dinâmica de localização, especialização e concentração nos territórios da cafeicultura baiana entre os períodos de 1995/1996 e 2006. Em virtude da participação de agricultores de diversas escalas de produção nessa atividade agrícola no estado, buscou-se realizar análises desagregadas nos segmentos da agricultura familiar e não-familiar a fim de captar suas particularidades.

Especificamente, são descritos os padrões de concentração ou dispersão espacial do segmento da produção cafeeira baiana sob a perspectiva setorial e analisar o grau de especialização e/ou diversificação regional da cafeicultura no período compreendido entre 1995/1996 e 2006.

O enfoque regional e a modernização agrícola na Bahia

As discussões no âmbito da dimensão espacial referente à expansão da atividade econômica, difusão empresarial e mudança social foram inicialmente abordadas a partir das contribuições de Lösch (1938), Von Thünen (1966), Christaller (1966) e, especialmente, Marshall (1982) que ao desenvolver a ideia de distrito industrial levantou a questão dos desequilíbrios

espaciais entre aglomerações urbanas distintas com crítica à ausência de uma dimensão espacial no pensamento econômico ortodoxo (DINIZ; GERRY, 2002).

Diniz e Gerry (2002) identificaram três correntes de discussão no âmbito da análise regional que influenciam fortemente as questões ligadas ao desenvolvimento rural. Na primeira, que refere-se à abordagem neoclássica, associada ao liberalismo econômico, atribui um papel relativamente marginal às questões espaciais (com exceção de Marshall), tendo como principais representantes pioneiros na formulação de uma teoria do crescimento econômico como Smith e Ricardo e além do trabalho de Solow (1956) que lançou as bases modernas dessa teoria.

A segunda, a abordagem keynesiana, de caráter intervencionista e enraizada na análise estruturalista da formação (desigual) e funcionamento (imperfeito) de mercados, e com fortes preocupações (re)distributivas, tem como principais autores Perroux (1955); Myrdal (1957) e Hirschman (1958). Finalmente, a terceira, sob a perspectiva do crescimento endógeno que dá primazia aos recursos endógenos (físicos, humanos e culturais), e ao poder local, tem como principais representantes Pyke, Becattini e Sengenberger (1990), Aydalot; Perrin; Camagni; Maillat; Crevoisier; entre outros (1980-1990) e Porter (1990).

Nesse contexto, a análise regional configura-se como importante instrumento de planejamento local e permite uma melhor compreensão acerca das transformações ocorridas em determinado território. Com este objetivo, as medidas de localização e especialização podem evidenciar as diferenças regionais e mostrar o foco que necessita de maior intervenção da ação pública.

Autores diversos como Vieira Filho e Campos (2004), Lima et al. (2006), Iijima e Lima (2008) e Scherer e Moraes (2012), além de Almeida et al. (2006) e Balanco e Nascimento (2006) que focaram suas análises na realidade baiana, realizaram estudos diversos para observar a dinâmica regional das atividades produtivas, fazendo uso das medidas de localização e especialização e também do modelo *shift share*. Estes estudos associam-se diretamente a processos de mudanças ocorridas no espaço rural brasileiro e baiano, nas últimas décadas, a partir do processo de modernização da agricultura.

Em efeito, a difusão do produtivismo no Brasil, com base no modelo agrícola euro-americano a partir dos anos de 1960 e do seu impacto sobre o crescimento e inter-relação entre a agricultura, a indústria e o setor de serviços, impulsionou a consolidação dos Complexos Agroindustriais por volta da década de 1970, fazendo com que as atividades agrárias assumissem um caráter residual por força do gradual processo de transferência de suas funções para “fora da porteira da fazenda” (SILVA, 1996).

Com isso, o dualismo passou a predominar no cenário rural brasileiro, apresentando, de um lado, índices crescentes de modernização tecnológica e empresarial, particularmente num reduzido número de explorações agrícolas organizadas de maneira cada vez mais capitalista e, de outro, a persistência da pequena produção mercantil camponesa situada entre processos de conservação e integração e de dissolução e marginalização pela incapacidade de inserção na lógica capitalista de produção sob a denominação de agricultura familiar.

No que se refere ao cenário agrário na Bahia, uma característica marcante refere-se ao fato de que a população ocupada na zona rural é bastante representativa (aproximadamente 32%, segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2010) o que evidencia a importância desse espaço no contexto econômico do estado.

De acordo com Couto Filho (2007a), a consolidação do modelo produtivista na Bahia se deu tardiamente, no final da década de 1980 e início de 1990, processo que promoveu uma reorganização da agropecuária baiana com efeitos bastante diversos. Couto Filho (2007b) avaliou que a intensificação do produtivismo no estado conjuntamente com as crises das culturas tradicionais, promoveram alterações nas posições das mesorregiões no *ranking* do valor bruto da produção da Bahia. Nesse sentido, a região Oeste emergiu como a mais moderna e produtiva da Bahia, a despeito da região Sul, tradicional produtora de cacau.

Quanto à cafeicultura, pode-se interpretar a fragmentação do território baiano com essa atividade não apenas pela sua capacidade produtiva como pela oferta de vários tipos de qualidades de café. Desse modo entende-se que a adoção de estratégias de diferenciação de qualidade por parte dos cafeicultores baianos lhes permitem extrair vantagens competitivas, evidenciando as diversas modalidades de inserção de produtores e de fragmentos territoriais da cafeicultura baiana à cadeia de valor do café. A esse respeito observa-se que:

É possível dizer que a Bahia contém uma boa amostra de todo o mundo cafeeiro. O Estado produz desde os lavados da Chapada Diamantina, do Planalto da Conquista e da região de Itiruçu/Vale do Jiquiriçá/Brejões, aos cafés naturais finos do Oeste Baiano e mesmo ao conilon das regiões costeiras do Baixo Sul/Sul e do Extremo Sul. A Bahia é hoje reconhecida como uma boa origem para desde os cafés especiais super premium até para cafés comerciais de valor mais competitivo (FERNANDES, 2011, p.7).

A respeito da questão fundiária presente na cafeicultura baiana, a partir da tabulação dos dados do Censo Agropecuário de 2006, Fernandes (2011) constata uma forte concentração na produção de café na Bahia. Destacou que o café é produzido por mais de 18.500 produtores no Estado, 0,6% dos produtores eram responsáveis por mais de 46% da produção, utilizando uma área maior que 100 hectares por produtor. Em contrapartida, aproximadamente 23% do total da produção era realizada por 93% dos produtores em unidades produtivas menores que 10 hectares.

No caso do café conillon tal concentração e desigualdade também são evidenciadas. O autor constatou que 1,2% do total de produtores, cerca de 2.400, utilizam áreas maiores que 100 hectares, respondendo por 51,7% da produção baiana com uma produtividade média de 37 sacas por hectare. Por outro lado, 85,1% do total de produtores em áreas menores que 10 hectares alcançavam apenas 14,5% da produção e uma produtividade de 23,5 sacas/ha.

Esses dados, referentes ao Censo Agropecuário de 2006, comprovam que uma parte significativa da produção é realizada em pequenas propriedades, em maior número no estado e, geralmente com menor uso de tecnologia, apresentando menores índices de produtividade por hectare, conforme observado anteriormente.

A esse respeito Silva et al., (2011), destacaram que a dependência dos pequenos cafeicultores baianos com produção de qualidade inferior, exceto os mais organizados, da atuação dos chamados “atravessadores” que “desqualificam” o produto oferecendo preços baixos de acordo com a sua conveniência. Esse fato revela a fragilidade dos pequenos cafeicultores face aos mercados locais, resultando na concentração e deslocamento da produção para os grandes centros de comercialização, com repercussão na capacidade de negociação das pequenas torrefações regionais.

Com isso, o lucro da atividade cafeeira concentra-se na esfera da circulação, começando pela comercialização local, sendo apropriados “agente de comercialização”, considerando que “o café é um dos poucos produtos cujo valor cresce com o nível de qualidade, ou seja, quanto melhor a aparência, a sanidade e a qualidade da bebida, maiores serão os preços pagos pelo produto” (SILVA et al., 2011, p.3).

Dessa forma, infere-se que a privilegiada posição dos intermediários (*traders* e/ou agroindústrias de grande escala) na cadeia do café, sobretudo dos que estão mais próximos do consumidor criaria a oportunidade de uma maior apropriação do lucro total gerado nas sucessivas etapas da cadeia de valor.

Metodologia

Em estudos nos quais se utilizam indicadores da economia regional, geralmente se utiliza a variável emprego pela sua “maior disponibilidade de informações em nível de desagregação setorial e espacial desejável”; pelo “grau de uniformidade para medir e comparar a distribuição dos setores ou atividades no tempo” e pela sua “representatividade em medir o crescimento econômico” (HADDAD, 1989, p. 227).

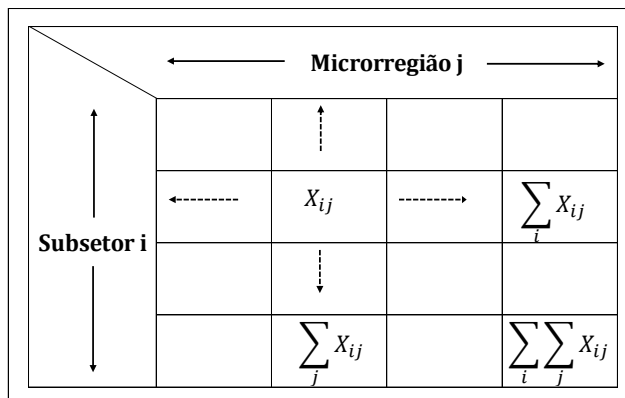
Entretanto, percebe-se que outras variáveis disponíveis nos Censos Agropecuários permitem uma percepção mais específica sobre a dinâmica de localização das atividades produtivas no setor agropecuário, evidenciando particularidades sobre a apropriação da renda e alocação destas atividades entre área e estabelecimentos por tamanho de propriedade.

Para esta análise, foram extraídos dos Censos Agropecuários de 1995/1996 e 2006 as seguintes variáveis utilizadas neste estudo: Número de Estabelecimentos Agropecuários⁴, a Área Colhida e o Valor da Produção⁵.

Enquanto escala de análise foi selecionado o nível das microrregiões⁶ do Estado da Bahia, segundo classificação do IBGE. A divisão setorial abrange toda a agricultura baiana, isolando-se os dados para cafeicultura para evidenciar sua dinâmica específica, resultando na seguinte segmentação entre setores: Cafeicultura, Outras Lavouras Permanentes e Lavouras Temporárias.

A caracterização da dinâmica espacial da cafeicultura no estado da Bahia foi realizada através das medidas de localização e especialização, a partir da matriz de distribuição setorial-espacial⁷, conforme demonstrada na Figura 1.

Figura 1: Matriz de distribuição setorial-espacial



Fonte: Adaptado de Haddad (1989).

Para melhor operacionalização do cálculo, conforme Haddad (1989), foram derivadas duas outras matrizes a partir da matriz de distribuição setorial-espacial, conforme as equações (1) e (2):

$$i_j^e = \frac{X_{ij}}{\sum_i X_{ij}} \quad (\text{distribuição percentual da variável em análise na região}) \quad (1)$$

$$j_i^e = \frac{X_{ij}}{\sum_j X_{ij}} \quad (\text{distribuição percentual da variável em análise setorial entre as regiões}) \quad (2)$$

$$\text{Sendo, } \sum_i i_j^e = 1,00; \quad \sum_j j_i^e = 1,00; \quad i_{\bullet}^e = \sum_j i_j^e; \quad \text{e} \quad j_{\bullet}^e = \sum_i j_i^e$$

Segundo Haddad (1989), as medidas de localização são de natureza setorial, ocupando-se da localização das atividades produtivas entre as regiões, a fim de verificar padrões de concentração ou dispersão espacial a partir das variáveis-base selecionadas, em um ou diferentes períodos de tempo. O autor destaca como medidas de localização mais utilizadas na análise regional o *quociente locacional*, *coeficiente de localização*, e o *coeficiente de redistribuição*.

⁴ No caso do Censo Agropecuário de 1995/1996 foi utilizada a variável número de informantes, como uma variável *proxy* para inferir o número de estabelecimentos agropecuários, visto que apenas a partir do Censo de 2006 esta variável foi desagregada para a cafeicultura.

⁵ Para a variável Valor da Produção (reais) os dados foram deflacionados utilizando o índice IGP-DI geral - índice (ago. 1994 = 100), cuja série histórica foi extraída do IPEAdata (IPEA, s.d.).

⁶ O IBGE considera que a estrutura da produção para a identificação das microrregiões constitui-se pela produção, distribuição, troca e consumo, incluindo atividades urbanas e rurais, expressando a organização do espaço a nível micro ou local. Disponível em: www.ngb.ibge.gov.br/Default.aspx?pagina=divisao

⁷ Essa matriz relaciona, nas linhas, a distribuição do valor correspondente à variável-base em determinados setores ou atividades entre as diferentes regiões de um país ou estado, e, nas colunas, os valores totais desta mesma variável em uma dada região distribuídos entre os diferentes setores ou atividades. Assim, X_{ij} representa o valor da variável do setor i na região j ; $X_{\bullet j} = \sum_i X_{ij}$ o valor da variável em todos os setores da região j ; $X_{i \bullet} = \sum_j X_{ij}$ o valor da variável no setor i de todas as regiões; e, $X_{\bullet \bullet} = \sum_i \sum_j X_{ij}$ o valor da variável em todos os setores de todas as regiões.

As medidas regionais se aplicam à análise da estrutura produtiva das regiões a fim de avaliar o grau de especialização e/ou diversificação das economias regionais em dois ou mais períodos. Entre estas medidas Haddad (1989) destaca o coeficiente de especialização e o coeficiente de reestruturação⁸. Tais medidas estão detalhadas no Quadro 1.

Quadro 1: Medidas de localização e regionais utilizadas na análise regional

	Fórmula	Descrição	Interpretação
Medidas de Localização	$QL_{ij} = \frac{X_{ij}}{\frac{X_{i\bullet}}{X_{\bullet j}}}$	Quociente Locacional do setor i na região j	Se o valor do quociente for maior que 1, indica que a microrregião é relativamente mais importante, no contexto estadual ⁹ , em termos do setor, do que em termos gerais de todos os setores e vice versa. É utilizado para indicar atividades básicas ($QL_{ij} > 1$) ou não básicas ¹⁰ ($QL_{ij} < 1$)
	$CL_i = \frac{\sum_j (j_i^e - j_i^l)}{2}$	Coeficiente de Localização do setor i	Varia no intervalo entre 0 e 1, sendo que um $CL_i = 0$, indica que o setor i estará distribuído regionalmente, da mesma forma que o conjunto de todos os setores e, se o valor do CL_i for próximo de 1 indicará que o setor i apresenta um padrão de concentração regional mais intenso do que o conjunto de todos os setores.
	$CR_i = \frac{\sum_j (j_i^{t1} - j_i^{t0})}{2}$	Coeficiente de Redistribuição do setor i entre os períodos 0 e 1	Relaciona a distribuição percentual da variável em análise de um mesmo setor em dois períodos de tempo, com o objetivo de verificar padrões de concentração ou dispersão espacial ao longo do tempo. Se o coeficiente for próximo de 0 (1), entre os dois períodos de análise, não terão (terão) ocorrido mudanças significativas no padrão espacial de localização do setor.
Medidas Regionais	$CE_j = \frac{\sum_i (i_j^e - i_j^l)}{2}$	Coeficiente de Especialização da região j	O valor do coeficiente será igual a 0 quando a região tiver uma composição setorial idêntica à do estado. Quando o valor do coeficiente for igual a 1, significa que a região j está com elevado grau de especialização em atividades ligadas um setor específico, ou que apresenta uma estrutura da variável em análise totalmente diversa da estrutura de emprego estadual.
	$CT_j = \frac{\sum_i (i_j^{t1} - i_j^{t0})}{2}$	Coeficiente de Reestruturação da região j entre dois períodos	Demonstra a estrutura da variável em análise na região j entre dois períodos. Se o coeficiente for igual a 0, não terá havido modificações na composição setorial da região e, se for igual a 1, indica uma intensa reestruturação na composição setorial da região

Fonte: Adaptado de Haddad (1989, p. 231-241)

A opção por uma análise comparativa entre escalas diferentes de produção tornou necessária a estimação¹¹ da área ocupada pela agricultura familiar¹² e pela agricultura não familiar, dados não disponíveis no Censo Agropecuário de 1995/1996.

A regionalização adotada na pesquisa toma por base o mapeamento e segmentação das áreas aptas à cafeicultura na Bahia, conforme a CONAB (2014), em três principais zonas¹³ cafeeiras na Bahia, denominadas de Cerrado, Planalto e Atlântico.

⁸ Em que pese a relevância dos indicadores de especialização e espacialização, apreende-se que estudos adicionais são necessários de forma a propiciar mais robustez aos resultados aqui apresentados.

⁹ Os somatórios referentes ao total das regiões devem referir-se à região de maior nível de agregação utilizada no estudo, em nosso caso o estado da Bahia. Por este motivo todas as referências à região de maior agregação neste trabalho irão se referir à escala estadual.

¹⁰ Atividades básicas são aquelas voltadas para a exportação e as não básicas voltadas para o mercado da própria região

¹¹ A estimação foi realizada com a criação de fórmula personalizada no Microsoft Excel, a partir da extração os dados de área, em escala municipal, da base dados do IBGE, organizados segundo as áreas dos módulos fiscais específicos de cada município obtidas no site do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

¹² Essas áreas foram estimadas levando em conta a classificação do segmento familiar segundo a lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006 que caracteriza os estabelecimentos familiares como aqueles cujo tamanho não exceda quatro módulos fiscais.

¹³ As zonas cafeeiras da Bahia foram definidas pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) a partir da agregação das microrregiões definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), distribuídas da seguinte forma: Cerrado (microrregiões de Barreiras, Santa Maria da Vitória e Cotegipe); Planalto (microrregiões de Boquira, Seabra,

Resultados e discussão

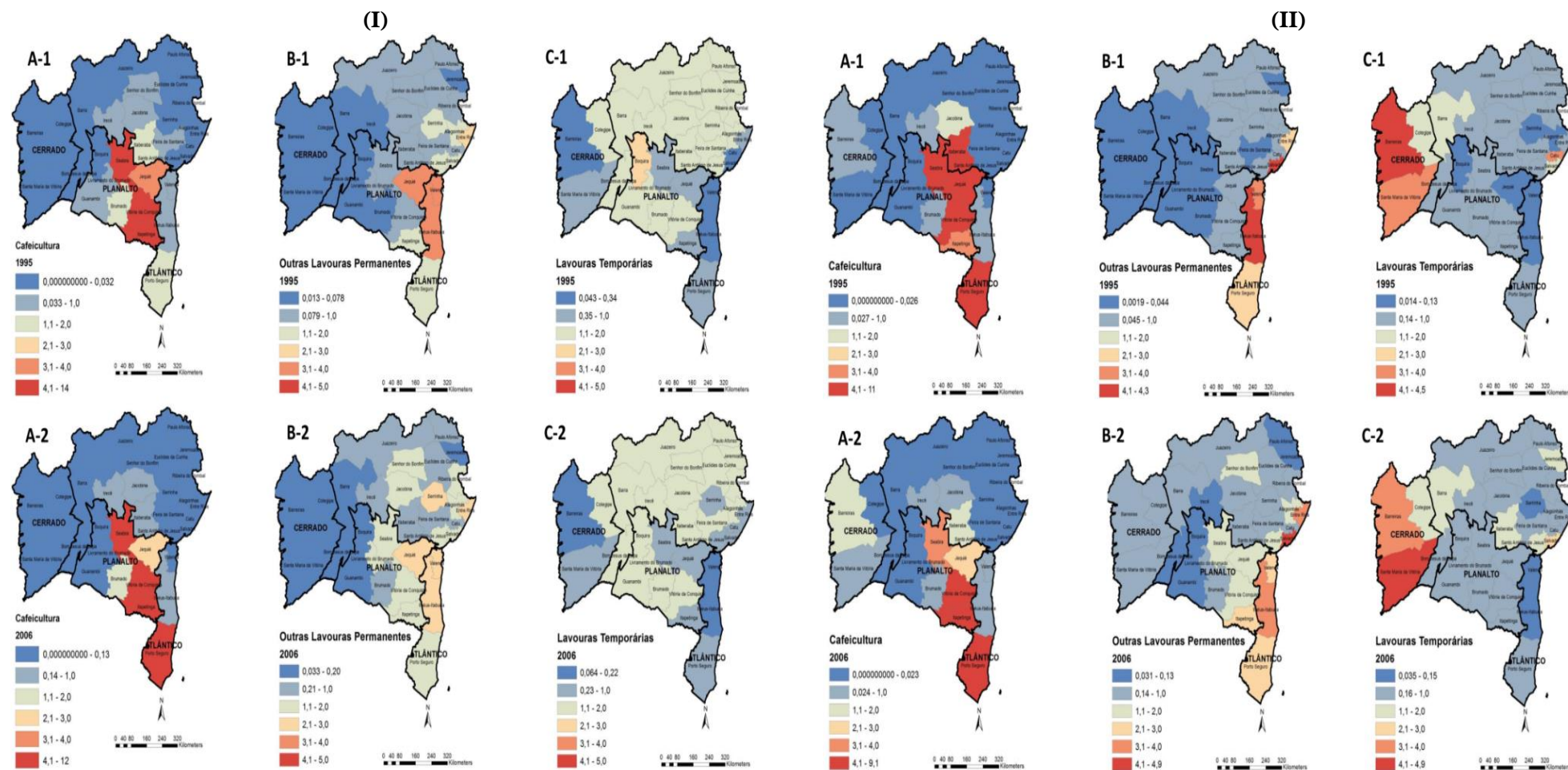
O Quociente Locacional referente à variável área colhida e para o segmento familiar da cafeicultura baiana (Figura 2) indica que as regiões do Planalto e Atlântico possuem elevados índices de concentração na atividade, tendo sido observados maiores valores de QL para o período 1995/1996 (valor máximo de 14 no mapa A1) em relação a 2006 (valor máximo de 12 no Mapa A2).

Entre 1995/1996 e 2006, observando a Figura 2, verifica-se certa desconcentração na região do Planalto em contraposição a uma maior concentração no Atlântico, especialmente na microrregião de Porto Seguro. Ao analisar as Lavouras Permanentes (exclusive a cafeicultura) destinadas à agricultura familiar, verifica-se, igualmente, concentração de área no Planalto e no Atlântico. Por outro lado, para as Lavouras Temporárias, observa-se espraiamento da área no território baiano destinada à agricultura familiar.

A região do Cerrado, por possuir uma matriz produtiva mais diversificada em grandes monoculturas, menor área destinada à cafeicultura e predominância de uma estrutura fundiária mais concentrada, apresentou menores valores de QL nas diversas lavouras, inclusive valores menores que a unidade para a cafeicultura, como o esperado.

Observa-se que o segmento não familiar é mais especializado enquanto o familiar é mais diversificado no que diz respeito à alocação de área cultivável entre as lavouras permanentes e temporárias na Bahia (Figura 2).

Figura 2: Quociente Locacional da cafeicultura, outras lavouras permanentes e lavouras temporárias na Bahia referente à variável área colhida (hectares) nas microrregiões e regiões cafeeiras da Bahia, no segmento familiar (I) e não familiar (II), 1995/1996 e 2006



Fonte: elaboração própria com base nos resultados da pesquisa
 Notas: (I) Segmento familiar; (II) Segmento não familiar
 A – Cafeicultura, B – Outras Lavouras Permanentes e C – Lavouras Temporárias.
 1 – 1996/1996, 2 – 2006

Daí infere-se que a organização produtiva do segmento familiar baiano prioriza o autoconsumo em detrimento da cultura econômica principal no empreendimento. Para o segmento não familiar, a região do Planalto e microrregião de Porto Seguro são mais especializadas na Cafeicultura; a região do Atlântico como um todo em Outras Lavouras Permanentes; e, a região do Cerrado em Lavouras Temporárias com elevada participação da soja em grande escala de produção.

Cabe destacar que apesar da grande relevância da produção empresarial do Cerrado baiano para os resultados da cafeicultura no estado, esta região tem, proporcionalmente, pouca área dedicada à cultura em relação aos cultivos realizados na região e à área dedicada ao café no estado.

De forma geral, verifica-se a ocorrência de valores de QL maiores para o período 1995/1996, evidenciando o fenômeno de redução de área plantada com café nas diversas regiões produtoras. Destaca-se a ocorrência de valores de QL muito superiores a 4 para a cafeicultura nas microrregiões de Seabra, Vitória da Conquista, Itapetinga e Porto Seguro e, comparando-se com o QL calculado para o setor de Outras Lavouras Permanentes, o que revela a especialização de diversos municípios baianos no cultivo de café.

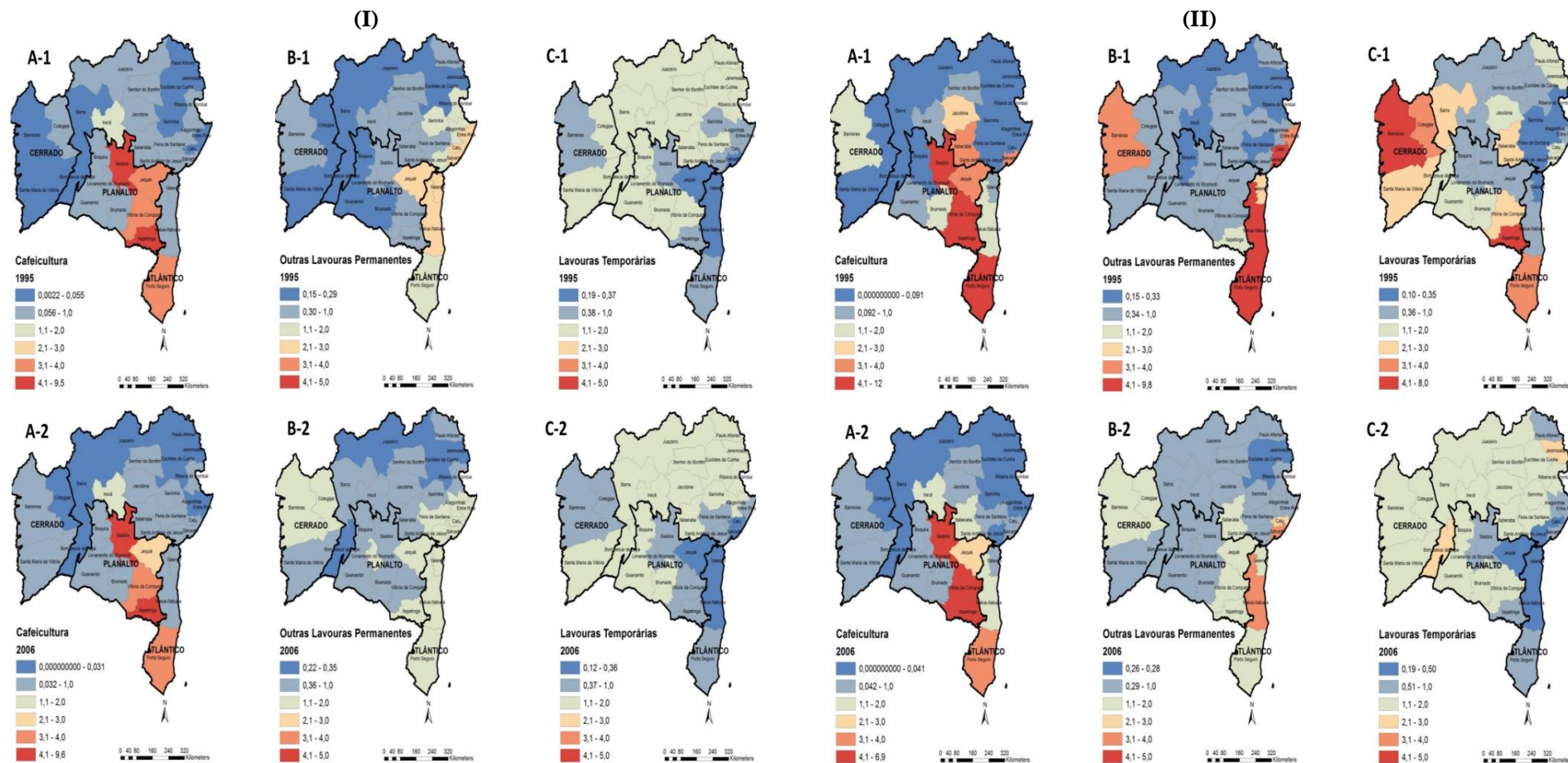
No caso do Número de Estabelecimentos Agropecuários (Figura 3) constatam-se Quocientes Locacionais menores, em comparação ao observado para a variável área colhida. Essa característica dos valores calculados era esperada visto que reflete a concentração fundiária característica da atividade agrícola baiana e brasileira.

Os estabelecimentos dedicados à cafeicultura estão bastante concentrados na região do Planalto o que a diferencia das demais regiões cafeeiras, indicando sua dinâmica diferenciada, assim como na microrregião de Porto Seguro, localizada no Atlântico, que concentram o maior número de estabelecimentos dedicados à cafeicultura no estado. Isso ocorre tanto no segmento familiar quanto no segmento não familiar.

Entre os períodos analisados, houve pouca alteração nos QL superiores a 4 para a cafeicultura no segmento familiar e relativo ao número de estabelecimentos. Para as Lavouras Temporárias, observou-se igualmente pouca alteração. No setor de Lavouras Permanentes houve redução do número de estabelecimentos em algumas microrregiões, especialmente no Planalto e Atlântico. Nota-se, em geral, valores maiores de QL para a cafeicultura, em relação ao agregado de Lavouras Permanentes e Temporárias.

Essa dinâmica reforça a ideia de diversificação de atividades do segmento familiar sendo que em diversas microrregiões do Planalto e Atlântico, a atividade econômica principal é a cafeicultura.

Figura 3: Quociente Locacional da cafeicultura, outras lavouras permanentes e lavouras temporárias na Bahia referente à variável número de estabelecimentos (unidades) nas microrregiões e regiões cafeeiras da Bahia, no segmento familiar (I) e não familiar (II), 1995/1996 e 2006



Fonte: elaboração própria com base nos resultados da pesquisa

Notas: (I) Segmento familiar; (II) Segmento não familiar

A – Cafeicultura, B – Outras Lavouras Permanentes e C – Lavouras Temporárias.

1 – 1996/1996, 2 – 2006

Os resultados observados para o segmento não familiar se assemelham ao da agricultura familiar, sendo que apenas na microrregião de Porto Seguro houve diminuição do QL para a cafeicultura. É evidente que, enquanto o segmento familiar tem altos índices de especialização predominantemente na cafeicultura, o segmento não familiar tem a capacidade de especializar-se em diversas culturas, principalmente por ocupar uma área muito superior, apesar deste nível de especialização ter apresentado redução entre 1995/1996 e 2006.

Quanto aos QLs referentes à variável Valor da Produção (em reais) verificam-se os mesmos padrões observados para as demais variáveis com relação à distribuição regional da atividade, conforme observado na Figura 4. Para essa variável foram observadas as maiores elevações no QL entre os períodos, tanto para o segmento familiar quanto para o não familiar.

Destaca-se a dinâmica do segmento familiar da cafeicultura, pelo alcance de lotes de qualidade superior é em razão das práticas seletivas e manuais de pós-colheita, tendo as regiões da Chapada Diamantina e “Planalto de Vitória da Conquista” cafés premiados nos concursos de qualidade de café em nível internacional, nacional e estadual.

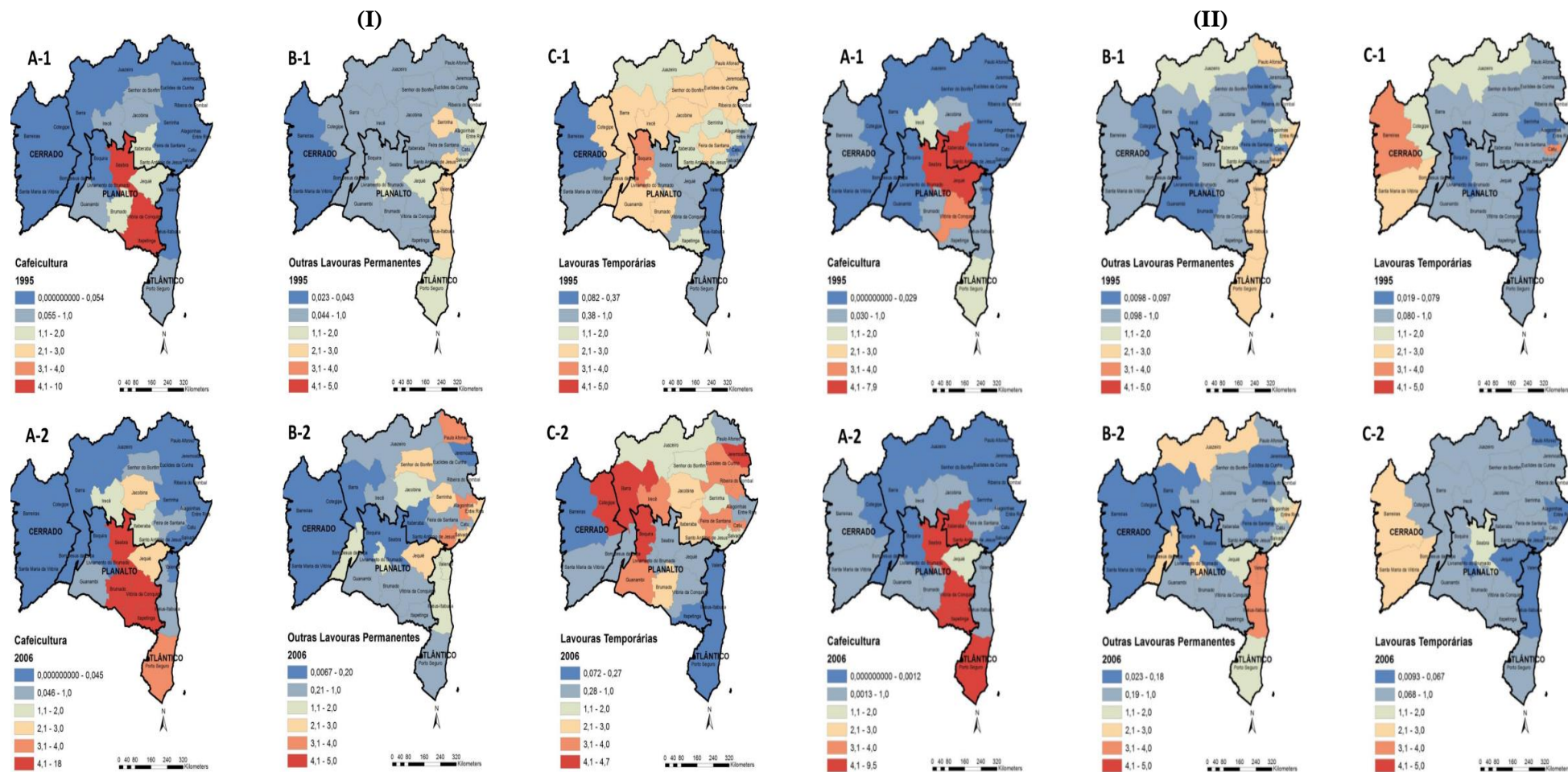
A microrregião de Porto Seguro apresentou QL inferior a 1 para a cafeicultura no segmento familiar em 1995/1996, alcançando QL superior a 4 no segmento não familiar em 2006, evidenciando a melhor dinâmica produtiva do café conillon, que acompanha a transformação produtiva da cafeicultura estadual num segmento de mercado que apresenta preços inferiores à variedade arábica, cultivada nas demais regiões cafeeiras.

No que se refere aos demais setores da agricultura baiana, percebe-se que, para o segmento familiar, o setor de Outras Lavouras Permanentes apresenta uma maior concentração de valor da produção na região Litorânea Tradicional do estado. No caso do setor de Lavouras Temporárias, há um incremento na concentração entre os períodos analisados no Cerrado e Planalto e também fora das regiões cafeeiras e na região Interiorana Tradicional (COUTO FILHO, 2007b).

Para o segmento não familiar (Figura 4) identificam-se as mesmas tendências, porém o incremento na concentração é observado para o setor de Outras Lavouras Permanentes, e a dinâmica de concentração do setor de Lavouras Temporárias é observado na região do Cerrado ou Moderna (COUTO FILHO, 2007b).

Analisando o Quociente Locacional para as variáveis observadas, conforme Figuras 2 à 4, verifica-se que os maiores valores de QL se mostraram consistentes com a estrutura setorial da cafeicultura praticada regionalmente no estado da Bahia. Os setores de Outras Lavouras Permanentes e Lavouras Temporárias se mostraram mais distribuídos regionalmente entre as microrregiões baianas.

Figura 4: Quociente Locacional da cafeicultura, outras lavouras permanentes e lavouras temporárias na Bahia referente à variável valor da produção (em reais) nas microrregiões e regiões cafeeiras da Bahia, no segmento familiar (I) e não familiar (II), 1995/1996 e 2006



Fonte: elaboração própria com base nos resultados da pesquisa

Notas: (I) Segmento familiar; (II) Segmento não familiar

A – Cafeicultura, B – Outras Lavouras Permanentes e C – Lavouras Temporárias.

1 – 1996/1996, 2 – 2006

O *coeficiente de localização* (CL) identifica o grau de concentração ou dispersão relativa das atividades econômicas. Na Tabela 1 observa-se que a Cafeicultura apresenta maior tendência de concentração regional para as variáveis Área Colhida e Valor da Produção, apresentando os maiores valores de CL em relação a Outras Lavouras Permanentes e Lavouras Temporárias, confirmando os resultados do Quociente Locacional (QL).

Tabela 1: Coeficiente de Localização da cafeicultura e outros tipos de lavouras nas microrregiões da Bahia, 1995/1996 e 2006

VARIÁVEIS	ANO 1995/1996						ANO 2006					
	CAFÉ		OLP		LT		CAFÉ		OLP		LT	
	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF
Área Colhida	0,75	0,87	0,56	0,61	0,21	0,31	0,68	0,59	0,40	0,44	0,17	0,24
Nº de estabelecimentos	0,58	0,55	0,35	0,31	0,15	0,24	0,52	0,53	0,15	0,14	0,17	0,24
Valor da Produção	0,70	0,80	0,32	0,51	0,27	0,28	0,75	0,53	0,34	0,59	0,32	0,31

Fonte: elaboração própria com base nos resultados da pesquisa

Nota: Os termos “Café”, “OLP” e “LT” denotam os setores Cafeicultura, Outras Lavouras Permanentes e Lavouras Temporárias, respectivamente. As letras “F” e “NF” denotam os segmentos familiar e não familiar da agricultura baiana, respectivamente.

A ocorrência de menores CL no segmento não familiar, no ano de 2006, para a Área Colhida e o Valor da Produção, indica dispersão desta atividade entre os períodos analisados. Cabe destacar que o segmento não familiar, à exceção de leve redução para variável Área Colhida e aumento para o Valor da Produção, manteve sua participação em patamares muito próximos ao início do período.

O *coeficiente de redistribuição* (CR) objetiva verificar padrões de concentração ou dispersão espacial ao longo do tempo. De acordo com a Tabela 2, observam-se valores calculados mais próximos de 0, o que era esperado tendo em vista a ocorrência de altos valores de CL, especialmente para a cafeicultura, que indicam a tendência de concentração regional dessa atividade. Entretanto, o fato de se ter obtido valores diferentes de 0 indica que houve alguma redistribuição dos setores analisados entre as regiões durante o período de 1995/1996 a 2006.

Observando os valores calculados para o conjunto dos setores, especialmente os valores próximos, iguais e superiores a 0,5, verifica-se que as variáveis Área Colhida e Valor da Produção apresentaram significativa redistribuição entre as regiões, enquanto que a variável Número de Estabelecimentos apresentou valores mais elevados para o segmento familiar. O maior CR observado ocorreu no segmento não familiar da cafeicultura para a variável valor da produção e, acredita-se que este resultado esteja associado à obtenção de melhores preços do produto diante da melhoria da qualidade do café, processo que se iniciou na Bahia a partir do período 2000-2001.

Tabela 2: Coeficiente de Redistribuição da cafeicultura e outros tipos de lavouras nas microrregiões da Bahia, 1995/1996 e 2006

VARIÁVEIS	PERÍODO 1995/1996–2006							
	CAFÉ		OLP		LT		TOTAL	
	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF
Área Colhida	0,22	0,32	0,26	0,34	0,15	0,24	0,57	0,44
Nº de estabelecimentos	0,13	0,24	0,27	0,29	0,10	0,35	0,36	0,14
Valor da Produção	0,31	0,45	0,33	0,21	0,26	0,20	0,50	0,60

Fonte: elaboração própria com base nos resultados da pesquisa

Nota: Os termos “Café”, “OLP” e “LT” denotam os setores Cafeicultura, Outras Lavouras Permanentes e Lavouras Temporárias, respectivamente. As letras “F” e “NF” denotam os segmentos familiar e não familiar da agricultura baiana, respectivamente.

É interessante notar que, entre as variáveis analisadas, o Valor da Produção apresentou os maiores índices de redistribuição entre as microrregiões baianas, especialmente para a cafeicultura, o que reforça o argumento de elevação da renda pela melhoria da qualidade.

As medidas de localização analisadas (quociente locacional, coeficiente de localização e coeficiente de redistribuição) demonstraram que o setor agrícola baiano, sob a perspectiva setorial, é diversificado em função dos valores assumidos por QL e CL nos setores de Outras Lavouras Permanentes e Lavouras Temporárias. No caso da Cafeicultura, em determinadas microrregiões, os indicadores mostraram altos níveis de concentração para o setor.

As medidas regionais, expostas na Tabela 3, indicam o grau de especialização (através do coeficiente de especialização) e de diversificação (por meio do coeficiente de reestruturação) entre as microrregiões baianas.

A variável Valor da Produção apresenta os maiores CE para o conjunto de setores da agricultura baiana entre suas microrregiões. Destacam-se, com os maiores valores calculados as regiões do Planalto e Atlântico além das microrregiões de Paulo Afonso, Serrinha Alagoinhas, Entre Rios, Santo Antônio de Jesus e Salvador.

É interessante notar como se sobressaiu o segmento não familiar para o ano de 2006, grande parte dos maiores valores calculados foram observados, no segmento familiar nas microrregiões de Cotegipe e Santana Maria da Vitória (Cerrado); Boquira, Seabra, Guanambi, Vitória da Conquista e Itapetinga (Planalto); e, nas demais microrregiões sobressaiu o segmento não familiar.

Outra observação de destaque refere-se aos elevados valores calculados, tanto no segmento familiar, quanto não familiar, para as microrregiões de Valença e Ilhéus-Itabuna indicando alto grau de especialização, especialmente para a Área Colhida e Valor da produção, resultante, provavelmente de fatores estruturais, que acabam por gerar concentração da área e da renda, além do predomínio de técnicas produtivas tradicionais.

Tabela 3: Coeficientes de Especialização (CE) e de Reestruturação (CT) das microrregiões da Bahia, variáveis-base selecionadas, 1995/96 e 2006

Microrregiões		CE – Área				CE – Estabelecimentos				CE – VBP				CT – Área		CT – Estab.		CT – VBP	
		1995/96		2006		1995/96		2006		1995/96		2006		1995/96-2006					
		F	NF	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF	F	NF
Cerro	Barreiras	0,24	0,35	0,23	0,28	0,08	0,20	0,16	0,01	0,32	0,35	0,06	0,34	0,00	0,07	0,45	0,37	0,25	0,05
	Cotegipe	0,28	0,34	0,28	0,19	0,22	0,29	0,02	0,03	0,45	0,34	0,49	0,34	0,00	0,16	0,45	0,48	0,05	0,02
	Santa. Maria da Vitória	0,28	0,35	0,27	0,33	0,25	0,30	0,12	0,19	0,46	0,21	0,50	0,34	0,01	0,02	0,35	0,30	0,05	0,14
Planalto	Boquira	0,28	0,33	0,26	0,31	0,24	0,27	0,08	0,13	0,46	0,29	0,51	0,36	0,02	0,03	0,38	0,32	0,06	0,04
	Seabra	0,38	0,53	0,13	0,17	0,17	0,14	0,15	0,19	0,39	0,30	0,51	0,29	0,32	0,52	0,25	0,22	0,07	0,03
	Jequié	0,46	0,54	0,38	0,31	0,43	0,16	0,31	0,20	0,21	0,52	0,36	0,56	0,09	0,36	0,12	0,31	0,20	0,43
	Liv. do Brumado	0,22	0,29	0,11	0,14	0,16	0,23	0,03	0,06	0,14	0,16	0,24	0,67	0,31	0,43	0,41	0,35	0,32	0,75
	Guanambi	0,28	0,34	0,24	0,25	0,25	0,25	0,02	0,09	0,41	0,35	0,36	0,09	0,03	0,10	0,45	0,35	0,05	0,34
	Brumado	0,25	0,29	0,16	0,07	0,21	0,25	0,21	0,25	0,28	0,22	0,23	0,26	0,10	0,38	0,22	0,19	0,13	0,41
	Vit. da Conquista	0,26	0,39	0,03	0,21	0,16	0,27	0,05	0,09	0,55	0,50	0,34	0,73	0,25	0,32	0,36	0,46	0,25	0,27
Itapetinga	0,31	0,17	0,33	0,40	0,13	0,21	0,20	0,21	0,38	0,12	0,68	0,61	0,20	0,34	0,37	0,55	0,25	0,56	
Atlântico	Valença	0,63	0,67	0,61	0,63	0,56	0,49	0,41	0,32	0,41	0,66	0,45	0,69	0,00	0,01	0,08	0,02	0,08	0,02
	Ilhéus-Itabuna	0,70	0,67	0,65	0,63	0,55	0,50	0,39	0,32	0,50	0,67	0,47	0,67	0,03	0,02	0,07	0,02	0,02	0,03
	Porto Seguro	0,30	0,31	0,29	0,29	0,11	0,06	0,18	0,14	0,16	0,32	0,30	0,32	0,03	0,06	0,30	0,27	0,27	0,19
Demais Microrregiões	Juazeiro	0,25	0,22	0,20	0,13	0,24	0,32	0,38	0,24	0,14	0,13	0,19	0,50	0,05	0,10	0,08	0,26	0,07	0,35
	Paulo Afonso	0,27	0,26	0,16	0,24	0,17	0,24	0,27	0,21	0,43	0,56	0,38	0,60	0,10	0,03	0,13	0,21	0,76	0,02
	Barra	0,28	0,34	0,24	0,25	0,25	0,32	0,31	0,17	0,46	0,22	0,51	0,14	0,03	0,10	0,16	0,34	0,06	0,11
	Bom Jesus da Lapa	0,29	0,33	0,25	0,26	0,27	0,28	0,42	0,39	0,43	0,25	0,14	0,39	0,03	0,07	0,07	0,08	0,51	0,56
	Senhor do Bonfim	0,15	0,11	0,12	0,33	0,17	0,12	0,21	0,26	0,22	0,16	0,10	0,47	0,26	0,24	0,18	0,06	0,28	0,30
	Irecê	0,27	0,33	0,22	0,19	0,19	0,24	0,24	0,31	0,41	0,30	0,37	0,10	0,05	0,16	0,17	0,12	0,03	0,19
	Jacobina	0,10	0,22	0,01	0,08	0,13	0,16	0,22	0,20	0,22	0,17	0,09	0,11	0,09	0,15	0,14	0,15	0,13	0,04
	Itaberaba	0,21	0,23	0,20	0,17	0,18	0,22	0,05	0,01	0,33	0,46	0,41	0,47	0,04	0,25	0,36	0,40	0,17	0,38
	Feira de Santana	0,22	0,25	0,21	0,18	0,06	0,06	0,03	0,03	0,34	0,15	0,33	0,17	0,01	0,08	0,30	0,21	0,01	0,04
	Jeremoabo	0,28	0,33	0,27	0,33	0,24	0,34	0,38	0,48	0,48	0,26	0,50	0,33	0,01	0,01	0,08	0,04	0,04	0,05
	Euclides da Cunha	0,25	0,25	0,15	0,16	0,24	0,29	0,36	0,43	0,37	0,23	0,37	0,15	0,09	0,09	0,11	0,04	0,01	0,11
	Ribeira do Pombal	0,22	0,03	0,06	0,08	0,02	0,05	0,05	0,15	0,35	0,20	0,41	0,21	0,16	0,07	0,18	0,01	0,08	0,01
	Serrinha	0,12	0,51	0,21	0,36	0,07	0,15	0,14	0,21	0,15	0,57	0,06	0,53	0,12	0,13	0,03	0,15	0,06	0,06
	Alagoinhas	0,11	0,46	0,05	0,41	0,11	0,22	0,02	0,05	0,13	0,59	0,41	0,65	0,03	0,02	0,13	0,06	0,32	0,04
	Entre Rios	0,33	0,50	0,36	0,49	0,32	0,36	0,13	0,11	0,20	0,60	0,28	0,67	0,05	0,02	0,04	0,06	0,13	0,05
	Catu	0,04	0,33	0,11	0,12	0,34	0,29	0,30	0,27	0,17	0,36	0,42	0,19	0,10	0,44	0,19	0,17	0,27	0,48
Sto. Ant. de Jesus	0,11	0,35	0,12	0,02	0,24	0,35	0,13	0,13	0,12	0,06	0,29	0,52	0,03	0,30	0,12	0,04	0,21	0,45	
Salvador	0,34	0,33	0,24	0,15	0,50	0,37	0,35	0,28	0,26	0,37	0,19	0,60	0,08	0,15	0,07	0,10	0,03	0,20	
LEGENDA:	0,0	Valores próximos a 0,5		0,0	Valores iguais ou superiores a 0,5				BAHIA				0,03	0,02	0,22	0,19	0,05	0,04	

Fonte: elaboração própria com base nos resultados da pesquisa

No que se refere à reestruturação setorial, os *coeficientes de reestruturação*, conforme se verifica na Tabela 3, demonstram que a grande maioria das microrregiões analisadas apresentaram alguma reestruturação, em todas as variáveis analisadas, indicando que nessas localidades a estrutura produtiva se diversificou com relação às demais regiões do estado.

Observa-se, ainda, que em todas as grandes regiões cafeeiras determinadas microrregiões apresentaram CT próximos ou iguais a 0,5. Desse modo, pode-se inferir que houve mudança estrutural regional, indicando mudanças significativas no padrão de especialização dessas microrregiões.

Os maiores CT foram observados nas regiões do Cerrado, para o Número de Estabelecimentos no segmento familiar, e Planalto, para as três variáveis em microrregiões distintas, principalmente no segmento não familiar. Para a Bahia os maiores coeficientes calculados foram observados para a variável Número de Estabelecimentos, tanto para segmento familiar quanto para o não familiar.

Considerações finais

Os resultados alcançados neste trabalho permitiram descrever a dinâmica de localização, especialização, concentração e as fontes de crescimento da atividade nos territórios da cafeicultura baiana. Assim, foi possível verificar que a estratificação da cafeicultura baiana segundo a escala de produção e variedade do grão evidenciam padrões de localização, especialização e concentração que explicam o comportamento da renda e estrutura fundiária da cafeicultura baiana.

As análises demonstram que o setor agrícola baiano, sob a perspectiva setorial, apresenta maior diversificação para Outras Lavouras Permanentes e Lavouras temporárias, enquanto que a Cafeicultura é concentrada e polarizada entre as microrregiões. Para todos os setores, verificou-se que houve desconcentração das atividades produtivas, especialmente para a variável área colhida, e quanto ao grau de especialização, a região do Atlântico apresentou estrutura produtiva mais especializada que as demais regiões do estado.

Uma constatação importante deste trabalho, diz respeito à utilização de outras variáveis-base além do emprego, comumente aplicada na literatura em estudos dessa natureza. Para os indicadores analisados, ficou evidente a diferença entre os resultados para as variáveis utilizadas (área colhida, número de estabelecimentos e valor da produção).

Por isso, recomenda-se incorporar, em análises dessa natureza, outras variáveis, além do emprego, que possam captar diferentes dinâmicas na estrutura produtiva das regiões. Nesse sentido, propõe-se ampliar esse estudo, incorporando outras variáveis que permitam um estudo mais aprofundado sobre a dinâmica espacial, diferencial e estrutural da cafeicultura baiana, inclusive o emprego, que não foi possível utilizar neste estudo pela indisponibilidade de dados para o censo de 1995/1996.

Referências

- ALMEIDA, P. N. A.; CHAVES, A. F.; SANTOS, V. C.; MOURA, P. M. DE. Componentes do crescimento das principais culturas permanentes do estado da Bahia. **Revista Desenhahia**, p. 31–54. V.3. N.5., Sep. 2006. Salvador, Ba.
- BALANCO, P. A. DE F.; NASCIMENTO, M. X. DOS. Comportamento espacial e estrutural da indústria baiana no período 1994-2003. **Revista Desenhahia**, p. 7–30. V. 3. N. 5., Sep. 2006. Salvador, Ba.
- CHRISTALLER, W. **Central places in southern Germany**. 1966.
- COUTO FILHO, V. DE A. REVENDO O RURAL BAIANO. In: M. TAKAGI; O. V. BALSADI (Eds.); **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial: um olhar da Bahia sobre o meio rural brasileiro Bahia rural brasileiro**. Especial 9 ed., p.46–52, 2007a. Brasília, DF: NEAD, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).
- COUTO FILHO, V. DE A. AGROPECUÁRIA BAIANA: TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS. In: M. TAKAGI; O. V. BALSADI (Eds.); **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial: um olhar da Bahia sobre o meio rural brasileiro Bahia rural brasileiro**. Especial 9 ed., p.79–98, 2007b. Brasília, DF: NEAD, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

- DINIZ, F.; GERRY, C. A problemática do desenvolvimento rural. In: J. da S. Costa; P. Nijkamp (Eds.); **Compendio de economia regional: teoria, temáticas e políticas**. 1a ed., p.851, 2002. Parede, Portugal: Principia Editora, Ltda.
- FERNANDES, R. H. **Diagnóstico e propostas para a cadeia produtiva do café da Bahia**. Salvador, Ba: Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária (SEAGRI), 2011.
- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 32nd ed. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2007.
- HADDAD, P. R. **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Banco do Nordeste do Brasil S.A., Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste, 1989.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estados@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ba>>. Acesso em: 12/11/2014a.
- IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>>. Acesso em: 12/11/2014b.
- IJIMA, H. K. F.; LIMA, J. F. DE. A EVOLUÇÃO RELATIVA E A LOCALIZAÇÃO DO EMPREGO FORMAL NAS MICRORREGIÕES DO PARANÁ (1997 e 2003). 7º Colóquio de Transformações Territoriais, Universidade Federal do Paraná. **Anais...** . p.20, 2008. Curitiba, PR. Disponível em: <http://www.augm-cadr.org.ar/archivos/7mo-coloquio/mesa_2/20080281.pdf>. Acesso em: 1/12/2014.
- ISARD, W. **Location and space-economy**. 1956.
- ISARD, W. **Methods of regional analysis: an introduction to Regional Science**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1960.
- KAGEYAMA, A. ; BUAINAIN, .M.; REYDON, B. P. ; et al. O novo padrao agricola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. **Agricultura e politicas publicas**, 127. Agricultur ed., p.p.113-223., 1990. Brasilia, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).
- LIMA, J. F. DE; ALVES, L. R.; PIFFER, M.; PIACENTI, C. A. Análise regional das mesorregiões do estado do Paraná no final do século XX. **Análise Econômica**, p. 7–25. Ano, 24. N. 46., Sep. 2006. Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/viewFile/10845/6438>>. Acesso em: 20/6/2014.
- LÖSCH, A. The nature of economic regions. **Southern Economic Journal**, 1938. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3693804>>. Acesso em: 25/4/2015.
- MARSHALL, A. **Princípios de economia: Tratado introdutório**. Volume I ed. São Paulo-SP: Abril Cultural, 1982.
- PALMEIRA, M. Modernização e reforma agrária. In: L. F. C. Costa; G. Flexor; R. Santos (Eds.); **Mundo rural brasileiro: ensaios interdisciplinares**. p.193–198, 2008. Rio de Janeiro, RJ: Mauad Editora Ltda. Disponível em: <<https://books.google.com/books?id=sP9u3uUUpakC&pgis=1>>. Acesso em: 6/6/2015.
- SCHERER, W. J. G.; MORAES, S. L. Análise Locacional as Atividades Dinamicas do Estado do Rio Grande do Sul. VI Econtro de Economia Gaúcha. **Anais...** , 2012. Porto Alegre, RS. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa11/Analise_Locacional_das_Atividades_Dinamicas_do_Estado_d_o_RS.pdf>. Acesso em: 20/11/2014.
- SEI. **Bahia em Números**. Salvador, Ba: Supeintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), 2013.
- SILVA, J. DE S. E; LOPES, R. P.; DONZELES, S. M. L.; COSTA, C. A. DA. **Infraestrutura Mínima para Produção de Café com Qualidade**. Brasília, DF: Consórcio Pesquisa Café, 2011.
- SILVA, J. G. DA. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas, SP: Unicamp-Instituto de Economia, 1996.
- THÜNEN, J. VON. **The isolated state in relation to agriculture and political economy**. Springer, 2009.

VIEIRA FILHO, J. E. R.; CAMPOS, A. C. Polígono Dinâmico Agroindustrial: Um Estudo Evolucionário de Especialização Regional. XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - SOBER, 42. **Anais...**, 2004. Cuiabá, MT. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/12/120500.pdf>>. Acesso em: 20/6/2014.